

## A GRAMÁTICA EM DICIONÁRIOS BILÍNGUES DO SÉCULO XVII

Maria do Céu FONSECA

[cf@uevora.pt](mailto:cf@uevora.pt)

Universidade de Évora

**Resumo:** Os dicionários bilingues aqui tratados envolvem línguas europeias e línguas extra-europeias, produzidos no âmbito da actividade missionária de diversas ordens religiosas. Estas obras faziam parte de um conjunto de instrumentos pedagógicos de normalização da língua, pensados no quadro de um programa geral de ensino e aprendizagem das línguas orientais. Neste âmbito, não é surpreendente, mas também não passa despercebido, o facto de algumas destas obras suscitarem a exercitação gramatical, mesmo porque a gramática é intrínseca à própria estrutura do dicionário.

**Palavras-chave:** Dicionários bilingues; línguas europeias; línguas europeias, século XVII

Os dicionários bilingues aqui tratados envolvem línguas europeias e línguas extra-europeias, produzidos no âmbito da actividade missionária de diversas ordens religiosas. As seguintes palavras de Telmo Verdelho justificam a opção por este quadro linguístico: “No espaço linguístico ultra-europeu, experimentaram os portugueses a urgência da elaboração lexicográfica de modo mais premente do que na sua própria terra” (1995: 377). Estas obras faziam parte de um conjunto de instrumentos pedagógicos de normalização da língua, pensados no quadro de um programa geral de ensino e aprendizagem das línguas orientais. Neste âmbito, não é surpreendente, mas também não passa despercebido, o facto de algumas destas obras suscitarem a exercitação gramatical, mesmo porque a gramática é intrínseca à própria estrutura do dicionário.

Já que neste momento decorrem no Brasil as comemorações do centenário da imigração japonesa no Brasil, comece-se pelo *Vocabulário da lingua de Iapam com a declaração em Portugues, feito por algvns Padres, e Irmãos da Companhia de IESV*

(Nagasaki, 1603), que abre o século, embora não a série de obras lexicográficas. Merece este vocabulário que se lhe dedique alguma atenção, não pelo acaso de ser cronologicamente o primeiro impresso da série seiscentista de dicionários bilingues das línguas orientais, mas porque, na mesma medida desta precedência no tempo, algumas reflexões dos textos prefaciais sobre a estratégia lexicográfica seguida e a metodologia global adoptada na obra, antecipam um procedimento de rigor que só se registará em obras lexicográficas da segunda metade do século. O texto lexicográfico é introduzido por um “Prologo” e “Algũas aduertencias necessarias pera o vso, & intelligencia deste Vocabulario”, e seguido de um “Svpplemento”, devidamente integrado no conjunto da obra por vários esclarecimentos “Ao leitor”. O texto do prólogo, para além de focar problemas referentes à natureza do dicionário e aos motivos que determinaram a sua publicação, é rico em informações sobre o contexto editorial da época, dado remeter para obras que a antecederam em poucos anos.

No contexto das alusões bibliográficas, não passa despercebida a referência a um anterior “Dictionario da lingua Latina impresso com a declaração em Portuguez e em Japão”, que permite identificar como fonte o famoso, a justo título, *Dictionarivm latino lvsitanicvm, ac iaponicvm ex Ambrosii Calepini volumine depromptum* (Amacusa, 1595). Original na história da lexicografia da época, este dicionário, levado a cabo sob a invocação do nome de Ambrósio Calepino, foi o primeiro impresso em língua japonesa onde são cotejados o latim e o português com uma língua local, cuja tradição escrita não alfabética era desconhecida. Em cada artigo do dicionário, depois da entrada em latim, vêm as respectivas traduções em línguas portuguesa e japonesa, acrescidas, por vezes, de informação gramatical e exemplificação em contextos, segundo o modelo: “A, AB, ABS, praepositio. Lusitanicè de, da, do. Iaponicè. Yori, cara, ni. A, ab, significat merum à loco, vt redeo ab agro. Lus. Torno do campo. Iap. No yori modor. Item, Significat tempus, vt à pucro. Lus. Desde menino. Iap. Yò xò yon (...)”. À semelhança dos registos trilingues então utilizados em cartilhas e catecismos, estão em contacto três línguas, uma antiga, uma europeia e uma não europeia.

Quanto ao *Vocabvlario da lingua de Iapam com a declaração em Portugues*, comece-se pela organização do vocabulário e estruturação dos artigos, delineadas nas “Algũas aduertencias necessarias pera o vso, & intelligencia deste Vocabulario”, onde o leitor é posto ao corrente da técnica lexicográfica utilizada. O mais interessante destas advertências e talvez mesmo original, pois que não se integrava nos hábitos nem na metodologia dos autores deste tipo de obras, é a informação sobre o registo de variantes

diatópicas (dialectos de Kami e Shimo), diafásicas (poesia, escrita, vocabulário búdico) e diastráticas (linguagem vulgar), que aparecem anotadas de modo muito sistemático, por meio de abreviaturas. Fazem também parte das advertências indicações fonéticas sobre a distribuição da quantidade prosódica de algumas sílabas, e ortográficas, visando regras de ordenação alfabética. Quanto aos artigos, já se percebeu que estão transliteradas para o alfabeto latino, quer as formas da entrada, em japonês, quer a sua contextualização, apresentada no seguimento da definição.

De regra, verifica-se que a definição e a contextualização do vocábulo variam em razão inversa de proporção: uma definição breve é quase sempre reforçada por meio de exemplificação e, inversamente, a definição mais parafrástica ocorre em ausência de contextos situacionais. Os seguintes artigos do *Vocabvlario* mostram esta tendência:

“Aa. *Interieção de dor, ou tristeza.* ¶ *Vt, Aa canaxij cana O cousa triste.* ¶ *Item, Aliquando interieção de admiração. Vt, Aa vobitaxiya. O cousa grande, ou enorme.* ¶ *Item, De alegria. Vt, Aa vrexia. O como folgo.* ¶ *Itê, De duuida. Vt, Aa vobotçucanai coto cana. O cousa duuidosa.* ¶ *Item, He particula de respõder si, como quẽ cõsente, ou aprova o que se diz.”*

“Abare, uru, eta. *Verbo defect. Destruirse, e desfazerse a casa por si, pouco usado neste sentido.* ¶ *Vt Iyeua cajeni abare, ameni cutçuru. A casa se desfaz cõ o vento, e apodrece cõ a chuua.* ¶ *Item, Abare uru. Ser desordenado, ou desmanchado como os meninos no brincar.* ¶ *Cono varanbega abarete tamuranu. Não ha poderse valer cõ este menino, que assi brinca, e se desordena.* ¶ *Abareta fito, abaramono. Homem mal criado, e desconçertado, e impetuoso.* ¶ *Nezumiga abaruru. Andarã os ratos saltando, e correndo.* ¶ *Xixiga abaruru. Virem os porcos de mato liurementemente aos campos, e sementeiras, e danificalas”.*

“Batabata. *Adu. Modo de soar batendo o passaro azas, ou de soar couza que se bate, ou toca hũa na outra”.*

A criação de contextos para a interjeição *Aa* é fundamentalmente a instauração dos seus próprios valores. Mas a função dos exemplos, no caso de *Abare, uru, eta*, vai mais longe do que explicitar a informação semântica contida na definição. É que os enunciados são sintacticamente criados em conformidade com o valor linguístico da categoria de “Verbo defect.”, que está implicado na informação sobre o desuso de *destruir-se e desfazer-se a casa por si*. Donde a presença dos complementos instrumentais “com o vento”, “com a chuva”, no primeiro contexto; donde também o sentido mais metafórico dos restantes contextos relativamente aos dois verbos, sinónimos entre si, actualizados na definição. Do ponto de vista das informações morfológicas e sintácticas, nomeadamente quanto às categorias gramaticais das entradas, verifica-se que a regra neste vocabulário é a ausência de terminologia gramatical. Averbam-se como excepções as entradas onde ocorre a designação “Adu.”, a única classe cujo registo merece referência. Daqui pode deduzir-se ter sido este vocabulário

menos orientado para o esclarecimento gramatical, e mais para a aprendizagem do vocabulário e exercitação lexical do japonês.

Sob a mesma perspectiva, tem interesse referir a obra do dominicano espanhol Diogo Collado, *Dictionarivm sive thesavri lingvae iaponicae compendivm* (Roma, 1632), publicada em latim, castelhano e japonês, sendo o latim a língua de entrada e o castelhano, que se tornara familiar aos ouvidos dos portugueses, a língua de mediação. É obra sem grande fôlego se comparada com as suas congêneres em língua japonesa, mas vale, quanto a nós, como índice da diversidade de técnicas da elaboração lexicográfica. Vale sobretudo como manual que, entre os dicionários de tipo escolar, suscitaria o ensino gramatical da língua, porquanto o *corpus* latino das entradas é predominantemente constituído por locuções e estruturas frásicas, mais parecendo este um dicionário de frases do que de palavras. Como nos clássicos europeus de Nebrija, Calepino, Robert Estienne e Jerónimo Cardoso, os vocábulos aparecem à cabeça de uma série sucessiva de sintagmas de que são núcleo, determinado por formas adjectivais: *Aqua, ae; Aqua calida; Aqua clara; Aqua congelata; Aqua congelata se abluo*. Noutros casos, são sintagmas preposicionais (*Absque dolore*), sintagmas adverbiais (*Alter locus*), locuções e frases diversas que aparecem alfabetadas. Ainda que sem qualquer informação sobre categorias gramaticais, compreensivelmente tratando-se de entradas desta natureza, afigura-se ser este dicionário, do ponto de vista pedagógico, um bom manual de orientação dos mecanismos gramaticais subjacentes às relações sintácticas que contraem as unidades. O conjunto das entradas fornece um quadro gramatical implícito, que vai desde as estruturas sintagmáticas mais simples - a relação de determinação entre o nome e o adjectivo, por exemplo - até à expansão de enunciados mínimos, sempre com as traduções castelhana e japonesa. Sem ir muito além das primeiras páginas, eis algumas entradas do dicionário, que tipificam relações sintácticas (as entradas e as equivalências castelhanas vêm sublinhadas):

a) Sintagmas cujas unidades se relacionam por determinação e coordenação

“*Candidus et rubicundus. blanco y colorado. xàcu biacu no iro*”.

“*Multa millia hominum. muchos millares de hombres. fuxen nin*”.

“*Regnum Chinae. reino de China. taito*”.

“*Regnum proprium excellens. reino excelente proprio. jō cocūdo*”.

b) Enunciados expandidos por coordenação e subordinação

“*Aqua congelata se abluo. bañarse con agua elada. covòri m□zzu cūmi, u*”.

“*Candela per totā noctem durans. cãdelas que duram toda la noche. ari vâqe*”.

“*Mundo et purifico. limpiar y purificar. qiyoume, ùru*”.

“*Regressus ad patriam et regnum proprium. buelta asu reino. qicòcu*”.

Este quadro mantém-se ao longo das 353 páginas do dicionário: vários tipos de sintagmas e frases de complexidade sintáctica variável, traduzidos em duas línguas. Relativamente ao modelo português do dicionário de Agostinho Barbosa, particulariza-se este pela língua descrita e favorecimento de campos semânticos ligados à realidade quotidiana e a um universo cultural próprio. Ficavam, assim, salvaguardados os interesses do clero educado na terra. Quer dizer, este tão grande envolvimento da sintaxe incrementava naturalmente o estudo da língua japonesa, facilitando a comunicação entre os europeus e os nativos, mas, ao mesmo tempo, era de excelente efeito na educação dos que estudavam gramática latina nos conventos e colégios das ordens religiosas, para habilitação ao sacerdócio. As suas dimensões modestas são um índice de diferente utilização escolar. Mais do que uma obra de consulta destinada a mestres, tal qual eram os grandes dicionários, um manual de acesso fácil, de divulgação generalizada e manuseio frequente, ajustado à prática comunicativa.

Passe-se agora ao cocani, vernáculo de Goa, para referir um manuscrito de 1626, o *Vocabvlario da lingua canarim, composto pello P<sup>e</sup>. Dioguo Ribeiro da Comp<sup>a</sup>. de IESV*, vocabulário que se poderá também classificar de fraseológico. Percorridas muitas folhas do manuscrito, registou-se que o número de sintagmas e frases apresentados no seguimento de um lema, pouco importa, para o caso, se a título de exemplificação ou como subentradas, é suficientemente abundante para fornecer um quadro significativo capaz de compensar a ausência de explicações semânticas. Se não, veja-se. No fl. 36v deste *Vocabvlario*, o verbo “Bater” suscita quase uma coluna inteira de entradas, preenchidas pelas seguintes locuções e frases variadas:

- a) De tipo idiomático: “Bater as azas o galo, ou passaro”; “Bater as palmas” (e “Bater de palmas”); “Bater moeda”; “Bater os dentes cõ frio”; “Bater os dentes cõ raiva”; “Bater nos peitos”; “Bater o coração estar cõ sobre salto”;
- b) Em forma de enunciado: “Bater a testa no chaõ pera se ferir”; “Bater chaõ”; “Bateraõ a angana fazendo liza”; “Bater o ferro ou couro o Alparq<sup>o</sup>”; “Bater roupa”.

Poderiam multiplicar-se os exemplos de ocorrências desta natureza, tão frequentes que seria caso considerar o processo de expansão sintáctica uma característica da estruturação lexicográfica deste vocabulário. Acrescente-se a técnica da exploração derivacional: “Batedor cõ que bate o chaõ”; “Batedor cõ que batẽ os mainatos a roupa”; “Batedoura de pao”. A formação de paradigmas derivacionais, de grande produtividade

na selecção do vocabulário, fornece uma imagem da exercitação linguística do dicionarista, sobretudo ao nível dos paradigmas sufixais:

- “Abundância”, “Abundante”, “Abundamête”, “Abundar em riquezas”;
- “Abreuiar”, “Abreuiadura”, “Abreuiadamente”, “Abreuiada cousa”, “Abreuiador”;
- “Acabar”, “Acabada cousa”, “Acabamento”, “Acabadamente”;
- “Bebada cousa”, “Bebadice”, “Bebado”, “Bebedor”, “Beber”, “Beberagem”;
- “Bolor”, “Borolenta cousa”, “Abolorecer”.

Em qualquer um dos casos, expansão sintáctica e exploração derivacional, os artigos não incluem em geral mais do que as respectivas equivalências em concani.

Noutro manuscrito anónimo, que se guarda na Biblioteca Nacional de Lisboa, o *Vocabulario da lingua canarim*, com letra do século XVII, é adoptada idêntica metodologia. Embora não se possa afirmar que este tratamento lexicográfico das unidades lexicais obedece a uma metodologia delineada no sentido da distinção homonímica e polissémica, registam-se frequentes entradas que parecem marcar uma distinção semântica, mais ou menos nítida, em relação às unidades lexicais que figuram noutras entradas. O conjunto das entradas “As dos dados”, “As do jogo”, “As direitas”, “As escôddidas” tem por base a homonímia das duas formas “As” (nome e preposição contraída com artigo), cujos sentidos o contexto permite diferenciar, à margem das definições. Da mesma forma, as descrições diferentes de “Assentarse”, “Assêtar a outrê”, “Assêtarse de joelhos”, “Assêtar a outrê de ioelhos”, “Assêtar o arrayal” são susceptíveis de uma análise em termos de alargamento de significação da unidade “Assêtar”. Afigura-se assim que a repetição de entradas lexicais neste e noutros vocabulários bilingues, está a favor de uma tradução aliviada dos problemas que resultam dos casos de homonímia e polissemia. Este vocabulário manuscrito é dos que melhor evidencia uma estruturação claramente didáctica, em que não faltam um suplemento de “Algũs Nomes e uerbos que se uão achando afora dos que estão no uocabulario” (fl. 223), um suporte fonológico adequado à prática da leitura, “Aos que querẽ leer por este caderno” (fl. 224), sequer um diálogo canarim de iniciação religiosa

Sabe-se da prática, ainda hoje em uso, da inclusão de pequenos manuais de gramática em obras lexicográficas, de utilização escolar, que retomam, mais ou menos directamente, a metalinguagem normativa e gramatical da classificação morfológica. Além da componente fonética, são fornecidos conteúdos gramaticais morfológicos da língua de tradução, sempre no âmbito das classes de palavras. É esta composição que se vai encontrar num dicionário de anamita-português-latim, elaborado, segundo tudo leva

a crer, pelos Padres Gaspar do Amaral e António Barbosa, se bem que tenha sido publicado sob a autoria do jesuíta francês Alexandre de Rhodes. A abrir o *Dictionarivm anamiticvm lusitanvm et latinvm* (Roma, 1651), o esclarecimento, à cabeça do primeiro capítulo “De literis & syllabis quibus haec lingua constat”, é o de que “Non agimus hic de characteribus quibus Tunchinenses seu Annamitae vtuntur in suis scriptionibus, qui sunt difficillimi, e penè innumeri”, informados assim os leitores sobre a adopção do alfabeto latino, mais uns poucos caracteres chineses, e acentos e sinais diacríticos para expressar os tons. Segue-se, conforme à tradição gramatical da classificação de partes do discurso, a divisão das palavras do anamita em classes, segundo o critério morfológico da variação/invariação formal das palavras: de um lado, estão os paradigmas dos nomes, pronomes e verbos; de outro, o capítulo das partículas, “De reliquis orationis partibus indeclinabilibus”, com as preposições, os advérbios, as interjeições e as conjunções.

Entre-se agora no domínio da lexicografia eurobrasileira. Evidencia-se aqui o facto de a exercitação lexicográfica ter consistido em instrumentos de trabalho não mais do que simples listas de palavras, organizadas individualmente por temas ou ordem alfabética para uso das comunidades religiosas ou de manuseio particular, de que a história poucos testemunhos guardou. Por uma das listas seiscentistas que chegou até nós, *Nomes das partes do corpo humano pella lingua do Brasil* (São Paulo, 1937), de Pero de Castilho, é de supor outras mais de domínios de significação relativos a grandes categorias de análise do real. A do corpo humano foi organizada alfabeticamente num vocabulário tupi-português e português-tupi, publicado já no nosso século; uma outra, de relações de parentesco, com a mesma estrutura de texto lexicográfico, só não tem a forma de vocabulário parcial, temático, porque incluída num catecismo de António de Araújo (edição de 1686, de Bartolomeu de Leão). Trata-se do “Catalogo dos nomes de parentesco, que ha entre os brasis”, para honra do officio da confissão, já que “se póde tal vez embaraçar o confessor com os nomes do parentesco, que ha entre a gente brasilica, conforme as circunstancias, que na confissão podem ocorrer” (Araújo, A., 1618: 267), e certamente proveito dos aprendizes da língua geral, uma vez que, como já foi demonstrado em vários estudos, a rede dos termos de parentesco apresenta soluções diversas, ademais do estreito círculo das relações básicas. O catálogo do P<sup>c</sup> Bartolomeu de Leão apresenta todas as características de um vocabulário tupi-português, desde os equivalentes do lema, a sentidos particularizantes, contextualização e mesmo

informações dispensáveis num dicionário bilingue, como são os dados etimológicos (cf. ed. de 1686: 267-274):

*Acycôera. Etimologicamente significa pedaço: usase vulgarmente pelo irmão, e irmã carnal uterinos.*

*Cymêna, Padrasto do varaõ, e da femea: ut xe cymêna, que val o mesmo que marido de minha mãy.*

*Membycunhã. Sobrinha da femea, se he filha de qualquer de suas irmãs. Tambem significa a enteada da femea, ut xe membycunhã.*

*Yra, Sobrinho filho da irmã do varaõ. He tâbem o primo filho da tia, ou do tio irmão do pay do varaõ: e juntamente o tio filho da avó do varaõ. Tambem se toma pelo enteado do varaõ, xe rïyra.*

Chegaram até nós duas de tais cópias seiscentistas, que se saiba as únicas do período em apreço publicadas, na íntegra, já contemporaneamente e expungidas de problemas de autoria e filiação em aberto: linhas acima citou-se a pequena relação de Pero de Castilho, *Nome das partes do corpo humano pella lingua do Brasil*, cuja autoria e data de composição esclareceu cabalmente o professor de língua tupi-guarani Plínio Airoso; refira-se também o *Vocabulario na lingua brasilica*, de Leonardo do Vale, nome em lugar do qual se lê o de José de Anchieta nas hipóteses de autoria adiantadas pelo mesmo professor na sua edição do vocabulário.

Faz parte de ambos certo grau de organização estrutural em termos de hiponímia, a partir de unidades superordenadas. O caso de “cabello” é um exemplo elucidativo e clássico das especificações semânticas que relacionam as unidades sob implicação. Confrontem-se as duas obras:

Cabello da cabeça. Âba.  
Cabello das ventas. Apíguarâba.  
Cabellos do çobaco. Gijguîrâba.  
Cabellos dos peitos. Motiããba.  
Cabello do corpo. Çâba.  
Cabellos do trazeiro. Tecoâra âba.  
(...)  
Coxa pella parte trazeira. Anaguîra.  
Coxa da parte do uão dellas. Cupîg.  
Coxa da parte dianteira. Uûba.

Castilho, 1937

**Cabelo de cabeça.** – Aba.  
**Cabelo todo o mais q. não he de cabeça, e de qualquer bruto tirando a como de caualo.** – Çâba.  
(...)

**Coixa da perna.** – Uba.  
**Coixa da parte trazeira.** – Anãguîra. E a parte supor. della iunto da nadega. Anaguiquy(tinga, he lugar mortal ou a ferida delle.

Vale, 1938

Afigurar-se esta obra de Leonardo do Vale um vocabulário de tradução (ou bilingue) feito à medida dos equivalentes tupis, não é apenas consequência da alfabetação de frases. Na *Arte, y bocabvlario de la lengua gvarani* (Madrid, 1640), de

Ruiz de Montoya, encontram-se igualmente entradas tipo “Açelerarse el vso de la raçon”, “Assomar las piedras del rio quando baixa, y los que nadan assomar las cabeças”, “Boluer a los pecados passados”, “Como quiera que lo hizieres està bueno”, sem que se detecte, com a mesma nitidez, o que a seguir se menciona sobre o vocabulário de Leonardo do Vale. Por outro lado, a insuficiência da elaboração do português, que onerava a inventariação do *corpus* a alfabetar, não basta para justificar as configurações textuais das entradas, onde a circunstância da língua estrangeira ser alheia aos quadros mentais do mundo clássico parece alimentar também a expressão perifrástica. Os seguintes artigos dão uma ideia:

“**Miga do caldo com farinha ou beiju de manra. [maneira] se desfaz todo em hũa massa ou polme.** – Mînîgpigrõ”;

“**Pinguelo como o de esparrela ou Mundê.** – Potãya, l, Ypotãya. Nota q. no Mundê alê deste comũ, q. está preso por hũa cordinha, como o da esparrela, ha outros dous q. polo ajudarem no mesmo offº de armar, e desarmar se podem também chamar pinguelos. s. hum modo de esteirinha feita de uarinhas delgadas, q. toma quasi todo o uão do mūdê; ...”;

“**Reiqueimar não como a mostarda ou rabaños, senão como os bribigões, e hũa fruta q. chamão Jaracatiã, e outras.** – Xejoçar. O mesmo se diz tambem do tacto como de algumas eruas, q. chegando ao rosto, ou noutra parte arde; como tambem fazem as que chamão carauelas de guine uermelhas que o mar lança fora; ...”

As entradas na língua materna incluem nomenclatura que não corria no português europeu, referem realidades desconhecidas e descrevem especificidades do funcionamento gramatical do tupi: os vocábulos “beiju” (do tupi *mbeijú*, “bolo de farinha de mandioca”), “mundê” (do tupi *mundé*, “armadilha de caça”) e “jaracatiã” (do tupi *jarakatia*, “palmeira”) são tupinismos registados no primeiro século da descoberta (tendo alguns permanecido na norma brasileira e no português europeu); e todo o mundo do conhecimento veiculado nas entradas portuguesas está orientado para a organização e estruturação de um universo de referências tupis.

Como o artigo atrás citado, os seguintes mostram domínios da morfologia e sintaxe explorados no *Vocabulario na lingua brasilica*, informativos de traços característicos do tupi:

“**Até, praep. usq. ad.** – Pê, como se hum partice da Bahia p<sup>a</sup>. Porto Seguro, e dicece: Tiaço xeirũnamo Nhoecembepe nhote. Uai comigo somente até os Iheos”;

“**Com. prepo. instrument.** – Pupe ut Jtã. pedra. Jtãpupe com pedra”;

“**Em Eu, em tu falando, fazendo, etc. aduerbio.** – Abê. Çupibê. Remebê, no fim do uerbo. ut. Guinheengabe xenheengarupi, em eu falando”;

“**Oje, preterito.** – Jeî. Ojeî. Jeiê”;

“**Oje futuro.** – Cori. Corie. Coriecori. Entre os Tupis serue o Cori de preterito e futuro”;

“**Oxala dezejando.** – Temomã. ut. Ourtemomã, oxala uiese. Marajaçoaramomã. Marajaçoaramotemomã. ut. Marajaçoaramoturimã: o mesmo he Marajaçoaramone senão que se lhe não aiuntão uerbo dirão, mo, em lugar de mã, o mesmo he. Beïmomã, ut. Ourbeïmomã. i. oxala elle uiera”;

“**Ser, sum, es, fui.** – Aicô, ut, Aicô debojaramo. i. sou teu criado, e sem elle. i. o uerbo Aicô, porq. na uerdade não parese auer na lingoa este uerbo, mas incluisse em certos modos de falar. ut. Xeruba. i. meo pay. Yxerub, est nihi pater, e porq. neste modo se entende tanto habeo como sum, es, fui, fica mais pprio. este Deraigrayxe uel Xeruba endê, porqto. aqui não se pode entender outro senão sum, es, fui, e cõtudo se algum he pprio. expresse he o primeiro”.

Não são informações normativas ou simples metalinguagem gramatical camufladas sob a massa dos dados semânticos; erige-se a matéria gramatical como desiderato da descrição lexicográfica, suposto que era o objectivo do uso e prática linguística do tupi. Assim, o sistema das preposições pospostas ao nome por elas regido; o valor aspectual de partículas que se pospõem ao verbo ou, mais precisamente, um sistema verbal onde as noções de tempo, modo e aspecto são representadas por partículas de tipo adverbial pospostas ao verbo (*então*, “aèreme, para o imperfeito; *já*, “uman”, para o perfeito; ou a portuguesa-arábica *oxalá*, “temomã”, para o conjuntivo); a inexistência do verbo substantivo *ser*, subentendido, bem como *ter*, em formações de nome combinado com o pronome pessoal.

### Referências bibliográficas

ARAÚJO, António de. 1618. *Catecismo na lingoa brasilica, no qual se contem a summa da doctrina christã*. Lisboa: Pedro Craesbeeck [vd. também a 2ª ed., de 1686, de Bartolomeu de Leão].

CASTILHO, Pero de. 1937 [Ms. de 1613]. *Nome das partes do corpo humano pella lingua do Brasil*. Prefácio e notas de Plínio Airoso. São Paulo: Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”.

COLLADO, Diogo. 1632. *Dictionarivm sive thesavri lingvae iaponicae compendivm*. Roma: Sacr. Congr. de Prop. Fide.

*Dictionarivm latino lvsitanicvm, ac iaponicvm ex Ambrosii Calepini volumine depromptum*. 1953 [1595]. Ed. Fac-similada e estudo introdutório de Hirosato Iwai. Tóquio.

ISQUERDO, Aparecida Negri & Ieda Maria Alves. 2007. *Ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, vol. III. Campo Grande: UFMS.

ISQUERDO, Aparecida Negri & Maria da Graça Krieger. 2004. *Ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, vol. II. Campo Grande: UFMS.

RIBEIRO, Diogo. 1626. [Ms.]. *Vocabvlario da lingoa canarim*.

RHODES, Alexandre de [Gaspar do Amaral e António Barbosa]. 1651. *Dictionarivm anamiticvm lusitanvm et latinvm*. Roma: Sacr. Congr.

VALE, Leonardo do. 1938 [finais do séc. XVI]. *Vocabulario na lingua brasílica*. Ms. português-tupi do século XVII, coordenado e prefaciado por Plínio Airosa. São Paulo: Departamento de Cultura.

VERDELHO, Telmo. 1995. As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas. Aveiro: INIC.

*Vocabulario da lingua canarim*. Século XVII. Manuscrito anónimo. Biblioteca Nacional de Lisboa.

*Vocabvlario da lingoa de Iapam com a declaração em Portugues, feito por algvns Padres, e Irmãos da Companhia de IESV*. 1998 [1603]. Ed. Fac-similada. Japão.